

FELICIDADE E PRAZER EM EPICURO: UMA ANÁLISE LÓGICA

Lucas de Oliveira Cordeiro¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal analisar logicamente as relações entre felicidade e prazer discutidas pelo filósofo grego Epicuro (341 - 270 a. C.) em uma de suas epístolas de modo a desfazer alguns equívocos acerca do pensamento desse filósofo sobre essa relação. De um ponto de vista lógico, mais especificamente da lógica proposicional, fica bastante evidente que o argumento desenvolvido por Epicuro em sua **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)** não preconiza um hedonismo frívolo, que é o que alega uma tradição interpretativa que distorce sua doutrina e cujas motivações, por assim dizer, extrapolam a filosofia. Em poucas palavras, o vínculo estabelecido por Epicuro não subjuga a felicidade ao prazer, mas postula que o prazer é resultado de uma vida feliz.

PALAVRAS-CHAVE: felicidade; prazer; Epicuro; lógica.

ABSTRACT: This paper aims to investigate logically the connections between happiness & pleasure, discussed by Greek philosopher Epicurus (341-270 BC) in one of his letters, in order to dissolve some mistakes regarding the philosopher's thoughts on this issue. From a logical point of view – from propositional logic, to be more specific – it becomes quite clear that the argument developed by Epicurus in his **Letter to Menoeceus** does not preconize a shallow hedonism, which is the allegation of a certain hermeneutic tradition on Epicurus' doctrine – motivated, as some historians show, by

¹ Bacharel em Letras (Inglês) - Universidade Estadual do Ceará; bacharel em Filosofia - Universidade Federal do Ceará. Contato: lucascordeiro87@hotmail.com

non-philosophical reasons. In a nutshell: the connection established by Epicurus does not subject happiness to pleasure, but states that pleasure is the natural consequence of a happy life.

KEYWORDS: happiness; pleasure; Epicurus; logic.

1 INTRODUÇÃO

Uma parte considerável da filosofia de Epicuro tem sido distorcida ao longo do tempo de modo que sua doutrina, o epicurismo, tornou-se uma espécie de sinônimo de hedonismo. Uma interessante expressão da visão negativa em torno desse filósofo e de suas doutrinas pode ser vista no *Dicionário das ideias feitas* de Flaubert, apêndice que geralmente integra o romance inacabado **Bouvard e Pécuchet** e que seria utilizado na continuação da obra. No verbete “Epicuro”, não consta nada além da seguinte injunção: “Desprezá-lo” (FLAUBERT, 2017). Em que pesem os propósitos críticos e a ironia do romancista francês, temos aqui uma mostra relevante do longo alcance de uma distorção hermenêutica que tem em sua origem motivações tão pouco filosóficas como a maledicência e a difamação. É sobre alguns aspectos desse longínquo engodo filosófico e histórico que iremos nos debruçar. De acordo com Chauí (2010, p.70):

“[...] o epicurismo é definido como a moral hedonista de Epicuro, o epicurista como aquele que segue a doutrina de Epicuro e, assim como o epicureu, como alguém dado a prazeres voluptuosos e sensuais ou que dedica a vida à busca desses prazeres.”

No entanto, como pretendemos mostrar, a leitura da obra de Epicuro e sua submissão a um exame lógico permitem a percepção do quanto a doutrina desse filósofo difere dessa visão do senso comum. Levando em conta que “[...] a correspondência de um filósofo é uma fonte relevante para a interpretação de suas ideias.” (FRANCO; MARCONDES, 2011, p.42) e também o fato de que no caso de Epicuro “Sua ética encontra-se exposta sobretudo em suas Epístolas a seus discípulos [...]” (MARCONDES, 2010, p.92), analisaremos, nas próximas seções, tendo como base sua **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)** e a lógica proposicional, algumas ideias relevantes para compreender corretamente a doutrina desse pensador.

2 INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA, ARGUMENTATIVA E LÓGICA NA DEFESA DE EPICURO

Conforme dissemos anteriormente, o pensamento de Epicuro tem sido alvo de algumas distorções. Nas próximas seções discutiremos algumas razões para a existência dessas interpretações equivocadas e em seguida analisaremos a relação entre felicidade e prazer em uma obra do autor de modo a esclarecer a significativa relação entre essas ideias em sua doutrina.

2.1 Razões históricas

É possível que a identificação entre felicidade e prazer estabelecida por Epicuro seja uma razão para a interpretação de sua ética como uma espécie de hedonismo. Alguns estudiosos, porém, apontam outras razões para essa confusão que paira sobre a doutrina do filósofo grego. É o que nos diz Chauí:

"[...] a identificação do epicurismo com a imagem de uma ética do prazer sensual foi elaborada pelos críticos helenísticos de Epicuro, particularmente pelos filósofos estoicos, cuja ética pretendia libertar os seres humanos de todo desejo e de todo prazer, graças ao controle absoluto da razão sobre a vontade e os apetites." (2010, p.73)

Outro estudioso, Luce, afirma que "Epicuro não era um libertino tresloucado, e sim uma pessoa sensata e inteligente e muito amada por seus companheiros." (1994, p.150). Corroborando essas alegações, vejamos o que diz Russell:

"No que toca a vida de Epicuro, a principal autoridade foi Diógenes Laércio, cuja vida transcorreu no século III d.C. No entanto, deparamo-nos com duas dificuldades: em primeiro lugar, o próprio Diógenes Laércio aceita de bom grado lendas de pouco ou nenhum valor histórico. além disso, parte de sua *Vida* consiste no registro de acusações escandalosas levantadas contra Epicuro pelos estoicos, e nem sempre fica claro se ele está afirmando algo ou apenas aludindo a uma difamação. Devemos ter em mente os escândalos inventados pelos estoicos quando sua altiva moralidade é enaltecida; de todo modo, eles não se aplicam a Epicuro." (2015, p.299)

Tais afirmações, de cunho histórico e biográfico, são relevantes para a compreensão e a superação dos equívocos que marcam uma visão bastante disseminada acerca da doutrina epicurista, mas é a própria obra de Epicuro que desmente com maior clareza e profundidade essa visão e é a ela que nos dedicaremos na próxima seção

2.2 Epicuro sobre a felicidade e o prazer

Na sua missiva dirigida a Meneceu, Epicuro parece estabelecer uma relação de identidade entre felicidade e prazer. Diz ele:

"[...] afirmamos que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz. Com efeito, nós o identificamos como o bem primeiro e inerente ao ser humano, em razão dele praticamos toda escolha e toda recusa, e a ele chegamos escolhendo todo bem de acordo com a distinção entre prazer e dor." (EPICURO, 2002, p.37)

O estabelecimento de tal relação de certo modo autoriza a compreensão do epicurismo como um hedonismo, mas é preciso cautela ao interpretar o epicurismo dessa maneira. Vejamos o que Chaui diz a respeito: "O hedonismo será ético somente se houver medida e senso do limite dos prazeres - temperança - para que possamos viver conforme a nossa natureza." (2010, p.109).

Epicuro propõe que busquemos o prazer através de um cálculo e de uma avaliação cuidadosos. Sobre isso afirma Luce: "É necessário um cálculo hedonístico. Nosso objetivo deveria ser a obtenção de um saldo favorável de prazer gozado ao longo de toda a nossa vida, do berço até o túmulo. Essa, [Epicuro] argumentava, era a maneira racional de buscar o prazer." (1994, p.148). E é o que também observa Chaui: "Medida, senso do limite e cálculo são trazidos pelo 'raciocínio vigilante', pelo exercício psíquico, que afasta o ímpeto dos impulsos instintivos [...]." (2010, p.109).

A capacidade de refletir e avaliar os prazeres tendo em vista uma vida feliz e tranquila dependem, para Epicuro, da mais importante das virtudes, a prudência. A busca pelo prazer deve tê-la como princípio. É essa virtude que nos habilita a identificar a ação e a conduta corretas, isto é, aquelas que nos permitirão viver prazerosamente, sem risco de sofrimento. Luce faz uma

significativa síntese dessas ideias: “A sabedoria nos capacita a fazer uma seleção apropriada de atividades prazerosas. A temperança consiste em evitar prazeres intensos, mas efêmeros.” (1994, p.149).

E de que modo pode a prudência ajudar os indivíduos na busca pela felicidade? Epicuro desenvolve seu pensamento de modo a classificar, por assim dizer, os prazeres: há aqueles que devemos buscar e outros que devemos evitar. Para Luce parece haver uma relação causal entre prazeres momentâneos e sofrimento: “Não temos de buscar incessantemente o prazer do momento. O gozo ilimitado do prazer pode ser seguido por um sofrimento que mais do que ultrapassa o prazer.” (idem, p.148). O próprio Epicuro, no entanto, estabelece com o critério o que advém do prazer:

“[...] há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. [...] Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.” (2002, p.39)

Existem, pois, prazeres que conduzem ao sofrimento e prazeres sem resultados negativos. É o gozo do segundo tipo que significa felicidade:

“Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e perturbações da alma.” (EPICURO, 2002, p.43)

2.3 O argumento de Epicuro numa perspectiva lógica

Com base no que foi dito nas seções anteriores, podemos sintetizar o argumento de Epicuro da seguinte maneira.

P1. Se eu sou feliz, eu sinto prazer.

P2. Eu sou feliz.

C. Eu sinto prazer. (MODUS PONENS, P1 e P2)

Formalizando esse argumento através da lógica proposicional, teríamos a seguinte tabela:

a	b	$a \rightarrow b$	$(a \rightarrow b) \wedge a$	$(a \rightarrow b) \wedge a \rightarrow b$
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	V	F	V
F	F	V	F	V

Em nenhuma linha temos as premissas verdadeiras e a conclusão falsa. O argumento é, pois, válido.

Agora vejamos a interpretação distorcida do argumento de Epicuro das maneiras canônica e formalizada, respectivamente:

P1. Se eu sou feliz, eu sinto prazer.

P2. Eu sinto prazer.

C. Eu sou feliz.

a	b	$a \rightarrow b$	$(a \rightarrow b) \wedge b$	$(a \rightarrow b) \wedge b \rightarrow a$
V	V	V	V	V
V	F	F	F	V
F	V	V*	V*	F*
F	F	V	F	V

Na forma canônica talvez não fique evidente a falha desse argumento, embora se trate de uma *falácia de afirmação do consequente*. Na tabela, no entanto, vemos uma linha (ou circunstância) na qual premissas verdadeiras resultam numa consequência falsa, o que claramente invalida o argumento.

3 CONCLUSÃO

Longe de ser um hedonismo frívolo, o epicurismo estava mais próximo, em sua busca da *ataraxia*, de uma espécie de ascetismo. Historicamente, porém, essa vertente das escolas helenísticas tem sido alvo de distorções interpretativas originadas pelos rivais estóicos de Epicuro.

Um exame lógico de sua obra, no entanto, é suficiente para desfazer parte considerável dessa visão distorcida e desses erros de interpretação que estão relacionados à sua doutrina ao longo do tempo. E estudos mais aprofundados e atentos talvez sejam necessários no sentido de esclarecer aspectos inexplorados e de garantir a continuidade de um pensamento que “Apesar das deturpações e abusos, conquistou adeptos e sobreviveu durante muitos séculos por causa de sua benignidade, tolerância e bom senso.” (LUCÉ, 1994, p.151).

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Epicuro e o jardim. In: _____. **Introdução à história da filosofia**: as escolas helenísticas. São Paulo: Cia das Letras, vol. 2, 2010. p.70-111.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FLAUBERT, Gustave. **Bouvard e Pécuchet**. tradução de Marina Appenzeller. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

FRANCO, Irley; MARCONDES, Danilo. Os estilos literários da filosofia. In: _____. **A filosofia**: o que é? Para que serve?. Rio de Janeiro: Zahar: Ed.PUC-Rio, 2011. p.32-43.

LUCE, J.V.. Os epicuristas. In: _____. **Curso de filosofia grega**: do séc.VI a.C. ao séc. III d.C.. tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. p.142-151.

MARCONDES, Danilo. O epicurismo. In: _____. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010. p.92-93.

RODRIGUES, Abílio. **Lógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RUSSELL, Bertrand. Os epicuristas. In: _____. **História da filosofia ocidental** (Livro 1: a filosofia antiga). tradução de Hugo Langone. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p.299-312.